CONFERÊNCIA

O SARCÓFAGO DO REI AHIRAM DE BIBLOS (*).

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

Professor de História da Civilização Antiga e Medieval
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da
Universidade de São Paulo.

Uma das curiosidades do Museu Nacional de Beirute, ~~por se tratar de uma peça arqueológica~~ é o sarcófago do rei Ahiram, encontrado por Pierre Montet em 1921, na necrópole de Biblos, ~~como peça arqueológica~~ das mais expressivas, pois parece remontar aos fins do XIII século a.C. Além disso, contém, talvez, a mais antiga inscrição fenícia que se conhece, amostra do alfabeto que foi, ~~como sabemos,~~ *segundo consta,* o embrião da maioria dos alfabetos da região mediterrânea.

Nêste momento, o Museu de Arte e Arqueologia recebe uma cópia ~~dessa peça~~ *impar*, oferecida pelo Governo da República do Líbano à Universidade de São Paulo, ~~Essa peça~~ *Esta peça* irá captar o interesse, tanto pela acuidade da reprodução, como pela função, precipua-mente didática, que irá desempenhar.

A êsse respeito podemos dar um depoimento pessoal: na oportunidade do VIII Congresso Internacional de História Marítima, que se realizou em Beirute de 5 a 10 de setembro do ano passado, ficamos emocionados (*minha esposa e eu*) ante o original do sarcófago e estivemos no próprio sítio onde ele foi encontrado e onde ainda continuam se processando excavações. Nessa ocasião dialogamos com arqueólogos que tinham sido companheiros de Montet e Dunand nas excavações, que nos transmitiram parte da forte emoção que sentiram quando do descobrimento dessa peça e de outras não menos valiosas nesse mesmo local.

(*) . — Palavras pronunciadas na cerimônia da entrega da *moulage* do sarcófago à Universidade de São Paulo, realizada no anfiteatro do Departamento de História, na Cidade Universitária no dia 22 de novembro de 1967 (*Nota da Redação*).

No recinto do Museu Nacional de Beirute quem nos guiou foi o erudito Emir Maurice Chehab, Diretor Geral das Antiguidades Libanesas, que foi — e é ponto pacífico entre os Congressistas — a personalidade mais marcante dêsse Simpósio, presidido por essa outra invulgar figura que é o Prof. Michel Mollat, diretor de estudos da École Pratique des Hautes Études da Sorbone, tão ligado à nossa Universidade e mais particularmente à Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval (1).

O Emir Maurice Chehab, no nosso primeiro encontro, declarou-nos que havia recebido um ofício do Diretor do Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo e que estava em andamento o processo e a remessa das *moulages* solicitadas.

Seria a peça que estamos agora recebendo?

Não o sabemos, mas lamentamos sinceramente que esta Universidade, e principalmente êste Museu de Arte e Arqueologia, não tenha podido ainda receber a visita do Emir Maurice Chehab que, se hoje aqui estivesse, saberia melhor do que ninguém, nos transmitir a mensagem contida nesse sarcófago do rei Ahiram.

Quanto à cópia, a não ser a substituição do mármore pelo gesso, e conseqüentemente existe uma diferença no pêso (pois a réplica conta apenas 1.500 quilos), os seus elementos elucidativos são idênticos ao original que foram então interpretados pelo mestre libanês e que ora, se o quizerdes, constatareis. São êles em linhas gerais:

Um monumento em forma de um paralelepípedo de 3 metros de comprimento por 1 m, 11 de largura e 1 m, 40 de altura (inclusive a tampa). Como se sabe, Itobaal, filho do rei Ahiram de Gebal (Biblos em grego), não transcreveu o nome de seu pai em hieróglifos, como os seus predecessores, contemporâneos dos faraós da XII dinastia (2000-1788 a.C.) do Egito, mas fez essa inscrição em fenício e num alfabeto que já devia ser utilizado comumente. Êsse sarcófago, que é massiço, com uma tampa ligeiramente arqueada em forma de dorso de mula, repousa sôbre quatro leões, cujas patas da frente e a cabeça são salientes, enquanto seus corpos estão esculpidos em perfil sôbre o plinto. A borda superior do sarcófago está ornamentada nas quatro faces por uma frisa de flôres e botões de lotus de evidente influência egípcia. Sôbre os lados maiores pode-se ver num dêles Ahiram sentado num trono ladeado de esfinges aladas. O rei, identificado pela barba e cabelos longos, tem numa das mãos uma taça e na outra uma flôr de lotus. Diante dêle, numa pequena mesa de pés curvos em forma

(1). — Cf. Maria Regina e Eurípedes Simões de Paula, *Considerações em torno do VIII Congresso Internacional de História Marítima (Beirute, 5 a 10 de setembro de 1966)*, in "Revista de História" nº 68, outubro-dezembro de 1966, págs. 467-479.

de patas de animal, está depositado um repasto fúnebre. Servidores, com vestes imitando os trajes egípcios, vem saudá-lo e trazem-lhe presentes. Nos lados menores do sarcófago, mulheres nuas até a cintura, tendo como saia um “saco” usado para as cerimônias funerárias, fazem o gesto típico das carpideiras: batem na cabeça e arrancam os cabelos em sinal de desespero. Em cima da tampa do sarcófago vemos, face a face, a efígie do rei Ahiram e provavelmente a do seu filho Itobaal (2).

Concordam os orientalistas que êsse sarcófago caracteriza uma arte que a Ásia Ocidental não tinha até então produzido, mais interessante assinalar-se que junto dêle foram encontrados dois vasos de alabastro com o cartucho do faraó Ramsés II (1298-1232 a.C.), pertencente à XIX dinastia tebana (1320-1200 a.C.), além de uma placa em marfim de origem miceniana e cerâmica cipriota.

Sobre a datação — uma das torturas do historiador da Antigüidade, ainda mais em se tratando de matéria inorgânica que escapa, como sabeis, à área de alcance de processos modernos, como seja, por exemplo, o do carbono 14, que aliás tem uma variação de cerca de 200 anos, o que já é muito para o nosso caso — o que de concreto existe são meras probabilidades, aventadas por estudiosos que abordaram o assunto.

Sabe-se que as explorações arqueológicas realizadas no Próximo Oriente amudaram-se no último quartel do século passado, ou após a fundação da Escola Francesa de Atenas em 1846. Nêsse Próximo Oriente greco-romano, as expedições se sucederam e esclareceram pouco a pouco a passagem da época helenística para a época romana, dos reinos dos sucessores de Alexandre para a República e Império de Roma, sua herdeira direta. Alguns nomes bastarão para evocar essa exploração progressiva de um terreno inexgotável. Vogüé na Síria e na Palestina (1853-1855), Newton em Halicarnasso — cujo mausoléu foi por êle explorado (1857) — e Cnido onde o plano geral de uma cidade antiga foi pela primeira vez encontrado (1858), Renan na Fenícia (1860), Perrot na Galácia e na Bitínia (1861), Palma di Cesnola em Chipre (1865), Humann em Pérgamo (a partir de 1865 e sobretudo em 1878), Wood em Êfeso onde o templo de Artemis foi identificado (1866-1874). Nos últimos anos do século, as explorações metódicas e de longo fôlego se organizaram: vê-se Humann, Wiegand e Schrader trabalhar em Priene a partir de 1895, Wiegand em

(2). — Capart (Jean) e Contenau (Georges), *Histoire de l'Orient Ancien. L'Égypte des pharaons. L'Asie Occidentale Ancienne*. Col. “Histoire Racontée à tous”, págs. 257-258.

Mileto (1899-1914) e os austríacos recomeçar as excavações de Éfeso (3).

Dentre esses pesquisadores destacar-se-á Ernest Renan, que além de explorar amou apaixonadamente a região, chegando a declarar que a célebre gruta de Afqa, a fonte sagrada de Adonis, era “um dos mais belos sítios do mundo”. Residiu em Amchit, perto de Trípoli, onde teve a infelicidade de perder sua irmã e colaboradora Henriette, que aí se encontra sepultada.

Destaca-se também Pierre Montet, que foi sucedido por Maurice Dunand. Este, em quase meio século de pesquisas, exumou com um método exemplar os vestígios da antiga Biblos. Os trabalhos começaram em 1921 e permitiram reconhecer uma parte das grandes muralhas fenícias, muitos túmulos, diversos templos que se sucederam na acrópole. Na necrópole fenícia foi encontrado o sarcófago de Ahiiram. Essas excavações foram descritas no volume, acompanhado de um album, que Dunand publicou em Paris em 1939, com o título de *Fouilles de Byblos* (4), esses dois preciosos tomos não podem ser ignorados por aqueles que se interessarem pelo assunto.

O tipo da construção do sarcófago, os dois vasos com o cartucho de Ramsés II, a placa de marfim micênica e a cerâmica cipriota indicam o século XIII como sendo a data provável da construção dessa peça arqueológica, pelo menos na parte final dessa centúria.

Outro problema interessante é o da inscrição grafada em alfabeto fenício. Diz ela o seguinte:

“Sarcófago que fêz Itobaal, filho de Ahiiram, rei de Gebal para Ahiiram seu pai como sua morada eterna. E se qualquer rei entre os reis ou governador entre governadores vier erigir seu campo (*sitiar*) Gebal e que descubra esse sarcófago que se quebre o cetro de sua justiça, que se afunde o trono de seu poder real e que a paz reine em Gebal! Quanto àquêle que apagar esta inscrição, que lhe seja negado qualquer descendente! (5).

Parece ser a mais antiga inscrição alfabética. Egípcios e mesopotâmicos já tinham descoberto a escrita, mas seus sinais conservavam ao mesmo tempo outros valores e numerosos outros signos permaneciam concorrentemente em uso, com valores diversos, especialmente silábicos. O passo decisivo foi dado pelos fenícios. Textos religiosos de Ugarit-Ras-Shamra, que datam do século XV a.C., são

(3). — Duval (Paul-Marie), *Archéologie Antique*, in “L'Histoire et ses méthodes”. Encyclopédie de la Pléiade, sob a direção de Charles Samaran. Paris. Gallimard. 1961, pág. 261.

(4). — Cf. Dunand (Maurice), *Fouilles de Byblos*. Tome Ier. 1926-1932. Paris. Librairie Orientaliste Paul Geuthner. 1939. 456 págs. CCXII pl.

(5). — Vincent (L.-H.), *Les fouilles de Byblos*, in “Revue Biblique”, 34 (1925). 184.

sinais cuneiformes. Eram signos complicados que adaptavam-se apenas ao emprêgo em argila. Sabemos também da existência de um alfabeto paleo-sinaítico na Península do Sinai, em Serabitel-Khadin, do qual existem ainda traços. Não devemos nos esquecer que os faraós egípcios sempre exploraram nesse local minas de cobre e de turquesas e é possível que capatazes e soldados tivessem tentado simplificar a escrita hierática (6). Um fato entretanto é irrecusável: a tendência à alfabetização dos fenícios. Isso é provado por muitas inscrições em pedra e em bronze encontradas em Biblos, com um número restrito de sinais, dos quais muitos são ainda hieróglifos apenas deformados. Essa inscrições, que não foram ainda decifradas, denotam uma evidente tendência à simplificação da escrita. Perguntamos: teriam derivado êsses novos sinais de um sistema estrangeiro de escrita? Apenas podemos constatar que não provinham da simplificação, nem dos hieróglifos nem dos cuneiformes.

Alguns sábios, como E. Meyer, contestam que a escrita seja da mesma época do sarcófago, mas Dussaud diz que os fenícios do século XIII eram capazes de realizar a invenção do alfabeto, pois resultava dos ensaios sucessivos e da presença de *graffiti* populares no poço de Ahiram. Êsses sinais da inscrição de Ahiram, que foram reconhecidos como sendo (com quatro exceções) os mesmos que apareceram três ou quatro séculos depois, são também em número de 22 como na escrita dos arameus e em outras inscrições fenícias dos reis Abibaal, Elibaal e Hiram II de Biblos e de Tiro(7). Foram os fenícios que divulgaram o alfabeto e os gregos tinham consciência dêsse fato, tanto que Heródoto (8) declara que o alfabeto fôra introduzido na Grécia por Cadmos. Os sinais dos alfabetos jônios e gregos arcaicos marcaram efetivamente um parentesco com as formas antigas dos sinais semíticos, tais como aparecem na inscrição de Ahiram e Abibaal, e a propagação se fez a partir do século X pelas ilhas do Egeu (Chipre, Tera, Tasos). Os nomes das letras, em grego, são também de origem fenícia. O alfabeto cananeu, completado por vogais, passou para os gregos, dêstes para os latinos e por êles aos povos do antigo e nôvo mundo ocidental. Considerações que parecem mostrar a importância da doação que acabamos de receber.

Assim, esta *moulage* vem juntar-se a outras que existem no acervo do Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo que, como é óbvio, não tem e nem poderia ter a pretensão de expor

(6). — Vide Paula (Eurípedes Simões de), *A pré-história e a origem do alfabeto*, in "Didática" nº 1. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. 1964.

(7). — Dussaud, in "Syria", VI, 1925.

(8). — Heródoto, V, 58.

apenas peças originais. Justifica-se lembrar que, se de um lado a idéia dêste Museu, ligado à Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval, remonta a mais de 5 lustros, sua concretização resultou de mais uma das iniciativas dêsse notável mecenas que é Francisco Matarazzo Sobrinho, pois foi êle quem facultou meios para a aquisição das primeiras peças, quase tôdas duplicatas autênticas, existentes nos museus italianos. Foi constituída para isso uma comissão em 1962, durante a gestão do então Reitor Prof. Antônio Barros de Ulhôa Cintra e em 25 de junho de 1964, já na gestão do Reitor Prof. Luís Antônio da Gama e Silva foi inaugurado no saguão da Reitoria a primeira exposição do Museu (9).

E, conseqüentemente, após a instalação do nôvo Instituto da Universidade de São Paulo foi solicitada a colaboração de instituições congêneres, dentre as quais o Museu Nacional de Beirute, cuja provável receptividade estamos festejando.

Todavia, e é um registro que fazemos gostosamente, neste Museu há uma amostragem autêntica, mínima numêricamente, se bem que das mais expressivas, a ponto de facultar a sua colocação entre os mais promissores museus especializados em Arqueologia clássica em montagem. Destacamos vasos áticos do V século a.C., anéis do século VI, discos de bronze, peças vilanovianas e etruscas, terracotas indús, moedas diversas, e uma grande aquisição: a tampa de um sarcófago egípcio, em cedro do Líbano, também do século XIII a.C. Assim, ficarão face a face duas peças, uma autêntica e outra *moulage*, de duas civilizações contemporâneas e intimamente interligadas, política e culturalmente. O nosso Museu já se constitui num ponto de atração dos estudantes — e é essa uma das suas finalidades — desde o ensino superior até mesmo ao primário. Êles aqui vêm, isoladamente, ou em grupos, em excursões adrede preparadas pelos seus próprios professores que, na maioria das vezes contam com a colaboração de uma equipe de monitores-alunos, todos voluntários, da Secção de História, tanto durante a visita, como na elaboração de questionários que os historiadores, os cientistas, os arqueólogos de amanhã, hoje alunos dos cursos secundários e primários, não só respondem, como até complementam com desenhos tão interessantes que se pensa numa eventual exposição dos mesmos. Pois, se é ponto pacífico que os Museus têm uma função precipuamente cultural, aquêles criados como Institutos Universitários têm uma área mais especializada, funcionando ou devendo funcionar complementando os cursos básicos. Para atingir seus objetivos, têm de estar equipados com recursos técnicos os mais modernos, e principalmente contar com pessoal alta-

(9) . — Paula (Eurípedes Simões de), *A instalação do Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo*, in "Dédalo" n° 1, junho de 1965, págs. 13-18.

mente especializado. Sòmente com a conjugação dêstes dois elementos, conseguir-se-á despertar nos alunos uma sensibilidade para o problema da legitimidade da História e da sua função no espírito humano. Não se me afigura temerário afirmar que, dentro de suas limitações, o nosso Museu já tem um saldo positivo, é uma realidade. No currículo da Secção de História — e mais especificamente na Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval — há um curso de Arqueologia, a cargo do nosso assistente, o Prof. Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, que se doutorou em Arqueologia em França, tendo cursado com brilhantismo a Escola Francesa de Atenas. Nós, que somos da primeira turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo não tivemos as oportunidades que tiveram os mais moços, os que vieram depois de nós. Não nos lamentamos, mas os mais jovens têm tido, como é óbvio, melhores oportunidades. Temos enviado sistematicamente os jovens assistentes a centros mais adiantados do que o nosso. E um belo exemplo dessa política educacional é precisamente o caso do nosso jovem Doutor Ulpiano. Tem uma bela formação universitária, aperfeiçoada no exterior. Parte êle na próxima semana, justamente para buscar material e complementar a sua pesquisa visando uma livre-docência, fazendo assim uma autêntica carreira universitária. Mas não é só. Êle é a alma do nosso Museu. Conseguiu entusiasmar uma equipe de jovens estudantes, todos voluntários, que mais tarde irão se especializar nos diversos campos em que se divide a Arqueologia. Êles, os nossos alunos já nos estão ultrapassando, e não digo isso com amargura, mas precisamente ao contrário, com imensa alegria, porque sentimos que não foram vãos os nossos esforços. Acreditamos, e muito, na experiência dos nossos mestres franceses, liderados por Fernand Braudel, que aqui estiveram: e que diziam: “O passado não se modifica, mas o conhecimento do passado se aperfeiçoa”.

Permitam-nos ponderar que é nosso propósito aprofundar o tema: “Biblos, o sarcófago do rei Ahiram e a origem do alfabeto” numa comunicação que faremos num próximo Congresso de Arqueologia que está sendo progamado para julho de 1968, possivelmente a realizar-se neste mesmo edifício, numa promoção da Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências. Nessa ocasião, deveremos voltar ao assunto do sarcófago com uma análise mais rigorosa da peça e das suas implicações culturais. Hoje nos limitamos a agradecer, sinceramente, em nome da Universidade de São Paulo, a dadivosa oferta do Govêrno da República do Líbano, formulando votos de que outros países imitem esta contribuição para o aprimoramento da função educativa do nosso Museu.